
ELIZETE FERREIRA PARNAÍBA MARTINS
JOSEFA HELENA GOMES DOS SANTOS PINTO

O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ENSINO DA LEITURA
NA ESCOLA

Cajazeiras -PB, fevereiro de 2005

ELIZETE FERREIRA PARNAÍBA MARTINS

JOSEFA HELENA GOMES DE FIGUEIREDO

O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ENSINO DA LETURA
NA ESCOLA

Monografia apresentada como requisito para
obtenção de grau no Curso de Especialização
em Metodologia do Ensino Fundamental, sob
a orientação da professora Elzanir dos Santos.

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR SÃO FRANCISCO

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cajazeiras – Paraíba

Fevereiro de 2005



- M386p Martins, Elizete Ferreira Parnaíba.
O papel da literatura infantil no processo de ensino da leitura na escola / Elizete Ferreira Parnaíba Martins; Josefa Helena Gomes de Figueiredo. - Cajazeiras, 2005. 31f.
- Monografia(Especialização em Metodologia do Ensino Fundamental)Centro de Ensino Superior São Francisco, Instituto Superior de Educação, 2005.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.
1. Literatura infantil. 2. Leitura. 3. Ensino de leitura. I. Figueiredo, Josefa Helena Gomes de. II. Santos, Elzanir dos. III. Centro de Ensino Superior São Francisco. IV. Instituto Superior de Educação. V. Título

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DO ENSINO FUNDAMENTAL

BANCA EXAMINADORA

Elzamar dos Santos

(Presidente – Orientadora)

(Membro da Banca)

(Membro da Banca)

Aprovada em ____ de ____ de ____

Cajazeiras
Março de 2005

AGRADECIMENTOS

“A DEUS”

“Por cada rosa onde sentimos a tua presença.

Por cada espinho onde contemplamos o teu poder.

Por cada momento vivido, onde sentimos a tua força.

Por este momento em que compartilhamos o teu amor.

Por cada passo futuro em que certamente teremos a tua direção.

Te rendemos o nosso louvor e a nossa gratidão.”

“Senhor autor da vida e da expressão mais sublime do significado da existência humana.

A quem nos foi confiado o singular sopro da sabedoria, tristeza, alegria e sonhos, sendo um dos mais belos, este que se realiza hoje.”

Por tudo que conquistamos, entregamos a te, Deus, o nosso fruto e a nossa dignidade profissional.

“AOS NOSSOS PAIS, FILHOS E ESPOSO”

A vocês, que compartilharam as nossas idéias e que souberam compreender o sentido de nossa luta, dispensando – nos, muitas vezes, do seu convívio, para enfrentarmos nossas obrigações.

AGRADECIMENTOS

“A DEUS”

“Por cada rosa onde sentimos a tua presença.

Por cada espinho onde contemplamos o teu poder.

Por cada momento vivido, onde sentimos a tua força.

Por este momento em que compartilhamos o teu amor.

Por cada passo futuro em que certamente teremos a tua direção.

Te rendemos o nosso louvor e a nossa gratidão.”

“Senhor autor da vida e da expressão mais sublime do significado da existência humana.

A quem nos foi confiado o singular sopro da sabedoria, tristeza, alegria e sonhos, sendo um dos mais belos, este que se realiza hoje.”

Por tudo que conquistamos, entregamos a te, Deus, o nosso fruto e a nossa dignidade profissional.

“AOS NOSSOS PAIS, FILHOS E ESPOSO”

A vocês, que compartilharam as nossas idéias e que souberam compreender o sentido de nossa luta, dispensando – nos, muitas vezes, do seu convívio, para enfrentarmos nossas obrigações.

DEDICATÓRIA

“FILHOS E IRMÃOS”

A vocês que estiveram sempre presentes nos momentos difíceis da nossa caminhada, dando –nos o ombro amigo para descansarmos e revigorar as nossas forças, para darmos continuidade ao objetivo que tínhamos de alcançar, não bastaria apenas agradecer –vos, mas também dizer –vos que essa vitória também é de vocês.

“AOS MESTRES”

Aqueles que dedicam suas vidas ao ensino, pois é deles o mérito de moldar as vocações e incentivar o raciocínio do estudante, transformando as nossas idéias em realizações.

SÚMARIO

1. Introdução.....	06
2. Os textos literários e suas contribuições no ensino da leitura e da escrita.....	08
2.1 A literatura Infantil e suas implicações no processo de formação de leitores.....	10
2.2 A importância da literatura infantil na escola.....	12
2.3 A literatura infantil em diferentes momentos históricos.....	14
2.4 Aspectos que identificam uma obra literária infantil.....	15
3. Procedimentos metodológicos.....	18
4. Percepções docentes e trabalho com literatura no processo de ensino da leitura....	19
5. Considerações finais.....	26
6. Referências bibliográficas.....	27
7. Anexos.....	30

1—INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como temática o papel da literatura infantil no processo de ensino da leitura na escola.

Essa temática tem sido hoje muito valorizada no campo da educação, já que através dela pode-se chegar a um maior conhecimento do mundo e de nós mesmos. Instituições públicas de educação vem investindo muito na utilização de textos literários e até mesmo clássicos da literatura nas escolas, tendo como objetivo maior tornar a Brasil um país de leitores. Apesar de ser uma excelente proposta, ainda existem grandes dificuldades para se chegar a isso. Sabemos que formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas principalmente em relação ao uso que dele se faz nas práticas de leitura.

Diante dessa realidade consideramos a literatura infantil um assunto importante, pois o mesmo sintetiza o mundo de fantasias, onde a ficção e a realidade se relacionam, possibilitando a criação de um espaço de reflexão sobre o mundo em que a mesma vive.

A literatura infantil é uma forma de encontro entre a criança e a realidade sócio-cultural, é também uma forma de encontro consigo mesmo. Através da leitura podemos ampliar nosso conhecimento.

Neste sentido, definimos como objetivo geral analisar o papel dos textos literários no processo de ensino da leitura, e como objetivos específicos definimos os seguintes: refletir sobre a importância de trabalhar textos literários na escola; refletir sobre a concepção dos professores com relação à literatura infantil.

A contribuição deste estudo se deu a medida em que possibilitou uma reflexão, junto aos professores, sobre aspectos teóricos e práticos do uso da literatura na escola.

Este trabalho compõe-se de quatro capítulos, no primeiro apresentamos o referencial teórico construído a partir das idéias de autores como Cavalcante, Teberosky, Freire e outros. Os quais esclarecem aspectos importantes sobre o tema. No segundo capítulo descrevemos a metodologia, enfocando os instrumentos que foram utilizados para coletar dados, local e os sujeitos do estudo. O terceiro momento apresentamos a análise dos fatos referentes a visão dos educadores sobre leitura, obtidos através do questionário aplicado. Finalmente, na última parte tecemos algumas considerações conclusivas.

2—OS TEXTOS LITERÁRIOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA

A leitura e escrita surgiram de uma preocupação com o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa nas series iniciais. Tendo trabalhado com o ensino e a pesquisa da língua há muitos anos, e conhecendo as dificuldades do trabalho na sala de aula, hoje estão operacionando idéias que vem sendo amplamente discutidas por educadores brasileiros, a partir das propostas de Vygostsky sobre a aquisição do conhecimento e do trabalho realizado por Emília Ferreiro, Ana Teberosky e Liliana Tolchinsky, entre outros. Também orientam as atividades, as teorias da lingüística moderna, como a ‘lingüística enunciativa’, a ‘lingüística textual’ e a ‘análise do discurso’. Essas teorias, que propõe estudar e explicar o funcionamento das estruturas lingüísticas nos textos produzidos e interpretados em uma sociedade, vem ao encontro da preocupação pedagógica com o trabalho intelectual na sala de aula, oferecendo instrumentos de operação com os textos. Usando a escrita que é um sistema operacional que tem uma historia social de mais de 5 mil anos de uso, e é utilizada nas mais diferentes situações, transforma os textos escritos em bens culturais que registram e arquivam o conhecimento. Ter acesso a escrita significa recuperar e se apropriar das memórias da sociedade. aprender a ler e escrever possibilita a leitura da cultura e a aquisição do conhecimento que estão guardados nos textos.

A leitura é um caminho para despertar a consciência, por isso, aprender a ler e escrever, através de textos literários, é fundamental no processo de formação do cidadão.

Segundo Freire(pág. 30, 1996), “antes de abordar aspectos relativos ao ensino da leitura, é importante saber o significado do ato de ler”.

Nesse sentido, se o processo de leitura for concebido de forma dinâmica, naturalmente está priorizando a formação de um leitor crítico e criativo. Mas o que se observa na prática é que a escola tem dificuldades de desenvolver atividades de leituras dentro dessa perspectiva.

Freire mencionando a respeito da leitura diz que:

“A escola vem privilegiando a leitura do escrita em detrimento da ‘leitura do mundo’ reparando que a criança já faz e traz para a escola, além de negligenciar a importância da interdependência entre essas duas leituras, ela vem, em relação a leitura da escrita, enfatizando sobre o trabalho de levar a criança a adquirir os mecanismos básicos de grafia que lhe permitem o acesso ao mundo da escrita”.(1994)

Embora seja esse um aspecto relevante do processo da alfabetização, merecendo atenção especial e sistematização do professor, a leitura não deve restringir-se ao ato mecânico de reconhecimento – reprodução de palavras e frases assim não deve favorecer uma leitura passiva do texto.

Desde o início da escolarização, a escola deve resgatar:

- O sentido amplo da leitura como apreensão da realidade que se revela através de várias linguagens;
- O aspecto dinâmico do processo de leitura que envolve o diálogo do leitor com o ‘texto’;
- A possibilidade de fazer emergir desse diálogo do leitor com o ‘texto’ a expressão individual e diferenciada desse leitor. Desse modo, desde o início da escolarização, o estímulo a oralidade da criança cria condições não só para um trabalho de desenvolvimento da sua produção oral, como também para introduzi-la no mundo das narrativas escritas.

A escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras. A construção de qualquer sistema de representação sonora.

Segundo TEBEROSKY (pág. 66, 2001), a criança passa por três etapas para compreender a escrita:

“Em primeiro lugar, apresenta uma distribuição nas unidades gráficas; em segundo lugar, o sistema funciona sobre a base de uma correspondência fonográfica, cuja unidade gráfica é o fonema. E em terceiro lugar nem sempre o sistema funciona sobre a base da correspondência fonográfica, especialmente quando se trata da escrita de palavras nas quais se deseja preservar a etimologia para mostrar que ela quer dizer ‘a mesma coisa’ que outra palavra.”

Isso significa dizer que a escrita não funciona de forma homogênea, e sim, ela pode referir a qualquer um desses três níveis.

2.1—A LITERATURA INFANTIL E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES

Para que o Brasil possa se desenvolver como sociedade e sair, definitivamente, da situação de desigualdade social em que se encontra é necessário compreender e enfrentar a questão da formação de leitores.

Sabemos da existência de problemas conjunturais como: pais analfabetos ou semi-analfabetos, condições de vidas desfavoráveis como também moradias incômodas ou inconvenientes que muitas vezes não possuem iluminação adequada para a leitura.

Há além disso, questões teóricas, não menos importantes, como a da própria conceituação do que seja leitura ou da indeterminação das implicações cognitivas envolvidas na aquisição da escrita. É razoável afirmar em todo caso, que crianças com situação social minimamente equilibrada mantêm contato com adultos leitores.

Leitores de fato são pessoas que sabem diferenciar uma obra literária de um texto informativo; pessoas que lêem jornais, mas também lêem poesias, ou seja, pessoas que sabem utilizar textos em benefício próprio, seja para obter informações, seja por motivação estética, seja como instrumento para ampliar a sua visão de mundo, seja por puro e simples entretenimento.

Como sabemos a escola esta se tornando cada vez mais um grande espaço mediador da leitura. É na escola que a maioria das crianças vai ter contato com o livro. O que parece é que boa parte de nossas crianças é levada a acreditar que todos os livros existentes são necessário, intrínseca e essencialmente didáticos, ou seja, tratam de um ramo específico do conhecimento (de uma determinada matéria) e contem regras, métodos, lições, e informações unívocas que precisam ser entendidas.

Muitos adultos, diante de uma criança, só conseguem enxergar um papel a cumprir: o de 'professor'. Dentro dessa concepção, só haveria espaço para um tipo de livro: o que 'ensina'. Uma das implicações dessa postura é a apresentação da infância como sendo formada por seres imaturos que precisam mudar, crescer, ser domados, amadurecer e compreender a 'realidade', as regras complexas e a sabedoria líquida e certa do mundo adulto. O mundo adulto, por sua vez, seria composto por seres maduros com capacidade de distinguir a 'realidade' da 'fantasia', ou seja, responsáveis, sábios, e corretos por princípios.

Com a idealização e, mesmo a desumanização do ser adulto, cria-se uma espécie de fosso separando crianças e adultos, como se entre eles não houvesse pontos em comum.

Na mesma concepção textos didáticos são fundamentais na formação das pessoas, tem seu sentido e seu lugar, mas não formam leitores. É preciso que haja a leitura de ficção, ao discurso poético, a leitura prazerosa e emotiva. Segundo Azevedo (p. 79, 2003), falar de literatura significa:

“Falar em ficção[...], abordar assuntos vistos invariavelmente, do ponto de vista da subjetividade, significa entrar em contato com especulações e não com lições. Significa o uso livre da fantasia como forma de experimentar a verdade. Significa o uso criativo e até transgressivo da língua.”

Assim, a crença num mundo abstrato que simplesmente ignora a experiência das coisas, concreta e individual, vivida por cada um de nós, somada a confusão existente entre os diferentes tipos de livros produzidos—confusão, diga-se de passagem, alimentada justamente pelas concepções que dividem as pessoas em faixas de idade. O que pode apenas facilitar a organização burocrática da escola, mas no nosso ver não tem contribuído para formar cidadãos criativos, dotados de um senso crítico. Nem para formação de leitores.

2.2—A IMPORTÂNCIADA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Nos últimos tempos, do ponto de vista da história cultural, passa-se a considerar a leitura do texto literário como um resultado de apropriações diferenciadas, em contextos diferenciados, no tempo e no espaço. Uma história da literatura passa a ser uma história das diferentes modalidades de apropriação dos textos. Ela deve considerar que o ‘mundo do texto’ é um mundo de objetos e de mudanças e que o ‘mundo do leitor’ é sempre o da comunidade de interpretação a qual ele pertence e que define um mesmo conjunto de competências, de normas, de usos e de interesses partilhados.

Do ponto de vista da sociologia, temos que considerar ainda que, intermediando a relação texto/recepção, há o processo de produção e o de mediação cultural, sendo esses dois processos perpassados pelo valor simbólico da literatura. Sobre o processo de produção cultural, (Bourdieu apud: Martins) estabelece uma relação entre o campo artístico e o campo literário, onde as realidades se apresentam em dupla face: a de mercadoria e a de significação. O valor da obra, ou a crença no valor da obra, é atribuído por espectadores –no caso da leitura, pelos leitores dotados de disposição e competência estéticas.

Para a produção desse valor da obra, contribuem os produtores diretos, agentes e instituições. Sem esquecer os membros das instituições que concorrem para a produção dos produtores (escolas de belas artes) e para a produção de consumidores aptos a reconhecer a obra de arte como tal, isto é, como valor, a começar pelos professores e pais, responsáveis pela insinuação inicial das disposições artísticas. (Bourdieu, apud: 162 e 259).

Nem sempre, porém, a literatura foi assim considerada pela escola, como um processo sócio –cultural complexo, sob a ótica da história cultural ou da sociologia.

No entanto, nas práticas cotidianas escolares, essa literatura nem sempre se realiza de maneira estética. Com certeza, posições tão extremas como as da estética na recepção tem tido dificuldade de produzir uma convivência dialética na escola, colocando em situações críticas os sujeitos mediadores do ambiente escolar, como professores e as auxiliares da biblioteca, por exemplo. Isso tudo não justifica, mas parece explicar o tratamento que é dado ao texto estético na escola (e certamente pelo livro didático). Abordagens informativas, estruturais, utilitárias, em detrimento da experiência pessoal, da descoberta de recursos e marcas estéticas do texto.

2.3—A LITERATURA EM DIFERENTES MOMENTOS HISTÓRICOS

A literatura de tradição oral abrange um amplo conjunto de produções —poéticas, didáticas ou narrativas—que tem sido transmitidas oralmente através de séculos até fixar-se, em parte por escrito, em diferentes momentos históricos e em diversos lugares geográficos.

O interesse pela sua complicação e estudo teve início no século XIX, auspiciado pelas correntes culturais do romantismo que viu nessa literatura ‘a alma do povo’ e pela organização industrial e urbanas das sociedades agrárias, que provocou o temor pela desapareição desse patrimônio oral.

Somente a partir do século XVIII, pôde-se falar propriamente de uma literatura para crianças, já foi neste período que a infância começou a ser considerada como um estágio diferenciado da vida adulta. Trata-se de um processo similar ao que se produziu em nossas sociedades pós —industriais, ao desenvolver-se a visão da criança como uma etapa da vida, com características típicas.

Assim comenta Regina Zilberman:

“Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os apaixonava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão.” (p. 15, 1981)

A idéia de uma infância com interesses e necessidades formativas próprias levou, no século XVIII, a criação dos livros especialmente dirigidos a esse segmento de idade. Inicialmente esses livros foram entendidos como instrumento educativo. Mas o consumo infantil de coleções

populares de novelas, lendas e histórias para todos os públicos fez com que começassem a ser editados livros pensando diretamente para o ócio, entretenimento das crianças. Ainda que a função moral fivesse neles um papel essencial.

Segundo Ana Teberosky:

“A constituição definitiva da infância como público leitor se inscreve na grande extensão da alfabetização produzida na sociedade ocidental. Mulheres, operários e crianças foram três segmentos que incorporaram em massa, a possibilidade de leitura e que, com suas demandas, imprimiram mudanças na edição em geral e na literatura em particular”. (p. 152, 2000)

A autora ainda diz que a novela, um gênero literário habitualmente desprezado pelas elites, passou a triunfar. As grandes tiragens de novelas baratas e a publicação de narrativas por encomenda em novas revistas foram a causa e a consequência da criação do novo tipo de público, formado por grandes massas leitoras.

Durante a segunda metade do século XX, a produção de livros infantis se desenvolveu enormemente. A escolarização oficial das crianças menores de seis anos e as mudanças produzidas, tanto na sociedade em geral, como nas formas de ensino em particular, tem levado a aparição de novos tipos de livros, pensados para as primeiras idades.

2.4—ASPECTOS QUE IDENTIFICAM UMA OBRA LITRARIA INFANTIL

O que difere uma obra literária para adultos, de uma obra literária para crianças é apenas a complexidade de concepção. Apresenta-se com recursos mais simples, mas não perde o seu valor. Essa simplicidade vai adequar a linguagem, facilitando assim a compreensão.

Acerca deste assunto, ao escrever a Godofredo Rangel, Monteiro Lobato diz:

“Não imaginas a minha luta para extirpar a ‘literatura’ dos meus livros infantis. A cada revisão nova para novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as ‘literaturas’ que ainda as estragam. O último submetido a tratamento foram as ‘fábulas’. Como achei pedante e requintado! Dele raspei um quilo de ‘literatura’, mas ainda ficou alguma.” (A Barca de Gleyre)

Alguns leitores poderão até confundir o *simples* com o *fácil*. Da mesma forma que nós adultos, às vezes, procuramos modificar a nossa linguagem para lidar com as crianças, os autores, fazem uso de uma simplicidade, não só na estrutura da obra, mas principalmente na linguagem, objetivando haver uma melhor compreensão por parte das crianças.

Com isto os escritores acabam equivocando-se. Devido ao artificialismo, o livro infantil, passa a ser lido apenas por obrigação, ou muitas vezes, até abandonado. O autor ao usar a pueridade exagerada, achando que só assim poderá ser compreendido pela infância, passa a não lembrar que a criança poderá até não fazer uso de certas expressões, mas poderá compreendê-las perfeitamente.

Sabemos que ao desenvolver as habilidades de leitura nas crianças, estas necessitam de dois tipos de livros: aqueles que estão de acordo com o seu nível de entendimento e outros mais adiantados, que contribuem para o seu desenvolvimento, na superação de novos desafios. É o que diz Alceu Amoroso: “Mesmo assim, é mister que o autor, o despoje de uma certa eloquência deslocada e, às vezes, intolerável, absolutamente incompatível com a índole da literatura infantil.” (p. 33, 1986)

Assim fica claro que construções mais formais nas obras infantis, faz-se necessário, para que a criança sinta-se mais interessada.

Outro aspecto importante nas obras para as crianças, é a apresentação do livro, devendo prevalecer a ilustração: livros sem gravuras para aqueles pequenos que não sabem ler

convencionalmente, torna-se desagradável. As ilustrações contribuem para desenvolver o interesse pelas histórias lidas para serem ouvidas, devendo o texto ser resumido, para que possa haver uma relação entre aquilo que diz o texto e a observação das figuras. Os livros nessa fase apresentam-se em tamanhos maiores que o normal e muitos têm o formato da personagem principal, o que os torna motivadores.

As gravuras só poderão ter valia dependendo do valor artístico. Se objetivamos despertar o bom gosto nos alunos, deve-se ter o cuidado especial com as gravuras: não devendo ser bem trabalhadas, mas, acima de tudo, sugestivas. Dado subsídios para que as crianças possam imaginar e ir além do que mostra o próprio desenho.

3—PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo foi de caráter exploratório uma vez que “explorar é tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno”. SANTOS (2002:26).

Durante a realização desse estudo foi utilizado como instrumentos de coleta de dados o questionário com cinco questões abertas e cinco fechadas, visto que este foi “um instrumento de pesquisa mais adequado a quantificação, porque é fácil de decodificar e tabular, propiciando comparações com outros dados relacionados ao tema pesquisado”.PADUA (1998:156). O local de estudo foi a E. M. E. I. F. Alzira Ferreira Lima Mota, que oferece boas condições para o desempenho das atividades, possui quatro salas de aula, biblioteca, secretaria, cantina e banheiros. A mesma atende a uma clientela de pré a 4ª série do ensino fundamental, que totaliza 200 alunos.

O universo pesquisado foi quatro professores que lecionam nas séries iniciais do ensino fundamental, dentre os quais apenas um tem curso superior e os três ensino médio (magistério). Os mesmos são funcionários municipais, sendo três efetivos e um prestador de serviços que leciona na segunda série, e os demais atuam na alfabetização e 1ª séries.

Realizamos, portanto, estudos teóricos, assim como reflexões que focalizaram a relação entre a teoria apresentada nesses textos e a prática dos professores no que concerne a temática em questão.

4—PERCEPÇÕES DOCENTES E TRABALHO COM LITERATURA NO PROCESSO DE ENSINO DA LETURA

Aqui serão apresentados os resultados do trabalho efetuado no levantamento dos dados através do questionário que teve como objetivo conhecer a percepção dos professores com relação à literatura infantil na escola Alzira F. L. Mota e sua importância no dia-a-dia escolar.

Quando indagados com que frequência se trabalha a literatura em sala de aula, todos os professores responderam que mais de uma vez na semana, afirmando utilizar recursos como suportes nas aulas de leitura os livros paradidáticos, contos, fábulas e poesias. Desta forma, podemos observar que estes professores já estão proporcionando o contato dos alunos com a literatura. Mediante estas respostas podemos dizer que a escola vem desenvolvendo atividades de literatura dentro de uma perspectiva mais ampla, que se revela num processo diversificado de leituras.

Com relação à questão, qual a importância que tem a leitura em sala de aula para os professores. Os mesmos responderam que é importante pelo fato de que está despertando no aluno a prática e o gosto pela leitura.

Neste sentido a professora 'A' diz que "É importante porque desperta no aluno o gosto pela leitura". Os demais professores consideram importante a prática da leitura na sala de aula e afirmam que situações estimuladoras de leitura proporcionarão à escola condições para que haja um trabalho conjunto com as outras áreas de conhecimento do currículo.

Professora 'B' complementa afirmando que "É importante pelo fato de estar despertando no aluno a prática de ler. Isto pode refletir em outras situações de suas vidas, criando neles, o prazer de ler". Com base nestas respostas afirmamos que os professores entendem o ato de ler como um processo dinâmico que, evidentemente, não se restringe exclusivamente à escola. Isto

nos faz refletir sobre a necessidade da presença de ambientes agradáveis e estimuladores no ato de ler. Deste modo, HEALH (1998) afirma que “as leituras podem se dar a partir de experiências, relações entre familiares, práticas escolares que contribuirão na formação de leitores”.

Ao perguntar aos professores sobre quais as dificuldades encontradas para trabalhar a leitura com os alunos, a maioria vinculou-as a falta de hábito de leitura por parte dos alunos.

O professor ‘C’ diz que “as maiores dificuldades são a leitura, pois os alunos não lêem e isso dificulta.” Segundo a professora ‘A’ “Existem muitas dificuldades. A maior delas é o fato do aluno não saber ler corretamente.” Percebemos lacunas nestes depoimentos, visto que os professores querem que os alunos em nível silábico saibam ler convencionalmente, quando sabemos que o processo de aprendizagem é bastante lento, que precisa de muito trabalho e esforço de ambas as partes, educador e educando. Sabe-se também que a escola tem um papel importante neste processo, sendo o professor seu principal mediador no sentido de que propiciem situações que possibilitem o despertar, a descoberta e a produção do conhecimento pelo aluno. Os professores parecem não compreender que o desenvolver das habilidades de leituras nos alunos das classes populares é responsabilidade sua.

Professor ‘B’ diz que “Dificuldades existem, talvez por conta do mecanismo com o qual se costuma trabalhar a leitura, mas que as dificuldades deveram ser superadas e a prática de leitura possa ser algo prazeroso.”

Alguns professores se contradizem ao falar que os alunos não tem hábito de leituras, uma vez que é da escola a principal responsabilidade nesse processo. É importante comentar que o professor ‘B’ em seu discurso demonstra preocupação e clareza da necessidade de superar as dificuldades que ora enfrenta o ensino, principalmente com relação às leituras de sala de aula e a prática pedagógica. Sabemos ainda, que as dificuldades podem surgir também decorrente de

situações conflitantes dentro ou fora da escola. Este desinteresse pode está relacionado ao meio onde os alunos vivem ou aos grupos dos quais fazem parte.

Vale salientar que a literatura é um meio bastante confiável para levar os alunos a terem hábitos de leitura e que estes possam desenvolver práticas culturais na escola.

Quando perguntamos aos professores se eles achavam que os alunos liam por prazer ou por obrigação, todos responderam que a maioria dos alunos ler por obrigação. Professor 'B' diz "a maioria dos alunos, com certeza ler por obrigação. Por que ainda não conseguiu descobrir o gosto e o prazer na arte de ler."

Com base no que diz Ricardo Azevedo (2001:77) "Crianças das camadas mais pobres da população a situação é bastante grave, elas só têm acesso, quase que exclusivamente, aos livros didáticos e informativos fornecidos gratuitamente pelas escolas públicas." Com isto podemos dizer que os livros e textos literários, ficam restritos a poucos, e isto não contribui para que a leitura de textos que desenvolvam a imaginação, e que abram novos horizontes para os leitores.

Quanto a pergunta se no desenvolvimento da leitura era levado em consideração a realidade da escola e dos alunos; todos os interrogados responderam que sim. E que mesmo com dificuldades, sem a escola oferecer recursos suficientes, eles buscavam meios para que as leituras desenvolvidas tivessem êxito. Assim diz o professor (D):

"Porque a criança só se interessa pelo que tem significado para ela, daí surge a importância de trabalhar de acordo com a realidade pois estaremos valorizando os conhecimentos prévios da mesma."

Com o mesmo pensamento a professora (B) confirma: "Para que possamos atingir nossas metas faz-se necessário partir da realidade vivida levando em conta aquilo que a escola oferece." Os outros dois professores também deixam claro que ao desenvolver as leituras diárias levam em consideração a realidade da escola e do aluno.

Neste sentido podemos perceber que os professores entendem que a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção da aprendizagem e que não se pode desprezar a cultura e as condições de vida da comunidade em que se insere.

Como afirma Freire, “Foi assim socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível, depois, trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar.” (1996)

Vale enfatizar que o conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indique que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos várias oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. Além disso proporcionam à criança um incentivo para desenvolver sua imaginação criadora e promover o seu desenvolvimento cognitivo, que constituem o eixo fundamental para aquisição da escrita e o aprimoramento da capacidade simbólica.

Assim Teberosky & Colomer afirma que:

“É necessário, pois, construir um acervo de livros que funcione como um referente coletivo e permitir-se ao mesmo tempo, com uma margem mais ou menos ampla a novidade e a experimentação, mantendo sempre ativos aqueles livros que satisfazem plenamente as necessidades literárias das crianças que têm somente uma vez idade para lê-los ‘como crianças’.”(p. 147, 2003)

Com relação à pergunta o que os professores acham de trabalhar a literatura infantil na escola, todos afirmam que acham importante. Pois através dela a criança entra em contato com o mundo imaginário, podendo assim, construir o seu próprio conhecimento. Diz a professora (D): “Acho de suma importância pois através da literatura a criança tem contato com as informações do mundo que a cerca e constrói seu conhecimento.”

Com base na resposta podemos analisar que a concepção dos professores sobre literatura infantil está ligado a idéia de alguns autores. Como é o caso de Rosa que diz:

“A literatura propõe o vôo, a viagem, as descobertas e as aventuras. Cada um voa, viaja, descobre e se aventura, levando no vôo a bagagem própria, com que se pode ir mais longe e pode ficar mais tempo, tirando maior proveito, conforme a disponibilidade interna.”(p. 22, 2000)

Neste sentido percebemos que existe uma forte relação entre o que diz a autora e a fala dos professores. Pois a literatura permite uma abertura para o mundo, em busca da totalidade do ser e do conhecimento. E por outro lado desperta no aluno o gosto pela leitura e a escrita.

Ao perguntarmos aos professores quais as dificuldades em trabalhar a literatura em sala de aula, percebemos que existe um certo desconforto quando expõem suas respostas. Quando a professora ‘A’ diz: “A literatura ainda é vista como algo distante e remoto.” Da mesma forma que a professora ‘B’ afirma “Nós não estamos preparados para trabalhar a literatura”.

Com base no que diz Cunha (1986:42):

“(…) Lidamos na escola ou na família com a palavra-arte como se ela fosse palavra-informação. Trabalhamos com a literatura do mesmo modo que com a Matemática, ou a Geografia: não distinguindo objetivos diferentes, não usamos estratégias diferentes, para as duas espécies da palavra.”

De fato, torna-se difícil introduzir na prática educativa algo que não se tenha um conhecimento mais aprofundado. Daí, a necessidade de se trabalhar tanto o aluno como professor, de maneira que a literatura passe a ter uma função atual e compreendê-la como uma possibilidade de indagar, pesquisar, criar e recriar.

Já com relação ao que diz a professora ‘C’: “Porque os alunos não dão muita atenção, querem apenas brincar”, percebe-se que a mesma precisa modificar a sua forma de pensar em

relação ao que agrada ou não as crianças e reconhecer que brincar também é uma forma de aprender.

E o que afirma Cunha:

“Sem dúvida, o desinteresse dos nossos alunos tem como uma das causas esse nosso condicionamento, essa tranquilidade com que vamos, ano após ano, levando às crianças os mesmos livros, as mesmas histórias supondo sempre atividades iguais, para alunos iguais.” (p. 17, 1986)

Por esta razão devemos desprendermo-nos dos métodos mecanicistas, das idéias preestabelecidas e perceber que a literatura pode ser um atrativo para tornar a leitura como uma atividade prazerosa e habitual, uma forma altamente ativa de lazer.

A partir do que foi exposto no questionário pelos professores e considerando nosso objetivo de estudo, concluímos que a literatura infantil na escola é de grande importância pois valoriza a relação da linguagem com o contexto social, de acordo com suas condições simbólicas e imaginárias de produção.

Visto que a contextualização da leitura conduz à reflexão das questões sociais, das formações ideológicas, o que possibilita uma produção de sentidos relacionados entre si e não em um sentido único como produto, mas uma múltipla significação.

Já que a nossa meta foi propor uma reflexão crítica acerca do tema em discussão percebemos que o trabalho com a literatura infantil em sala de aula na Escola Alzira Ferreira Lima Mota ainda vem sendo um desafio para os educadores, sendo necessário romper com as idéias mecanicistas em torno da leitura, levando o aluno a descobrir a dimensão da literatura infantil dentro do processo de ensino da leitura e escrita. Faz-se necessário ainda que a escola ofereça subsídios que facilite o trabalho com a literatura infantil, no que concerne a escolha das obras para o acervo das bibliotecas ou para a recomendação de leitura na conscientização e incentivo na

prática da leitura dentro e fora da escola, tanto por parte do educando como do próprio educador, já que é este o responsável pelas mudanças de atitudes ou hábitos de uma sociedade. Devendo a escola investir mais na formação dos professores, traçando metas que possam aprimorar seus conhecimentos e uma visão quanto ao trabalho de literatura infantil dentro do processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de realização desse trabalho, ficamos bastante gratas com a empolgação dos professores ao discutirmos as temáticas. Os mesmos mostravam-se disponíveis e abertos ao diálogo como também as mudanças que proporcionassem o aprimoramento no processo de leitura.

No momento que aplicamos o questionário percebemos a satisfação dos professores em expor suas idéias, e de falar com trabalhavam a literatura no dia-a-dia escolar. Percebemos também que o trabalho com a literatura infantil nos mais diferentes graus de ensino, da Educação Infantil a Pós-Graduação, apresenta dificuldades que todos os interessados no assunto enfrentam: escassa bibliografia relativa à teoria da literatura infantil, difícil acesso ao texto infantil, poucas experiências de apoio para um trabalho prático e eficiente com a literatura para crianças.

A leitura precisa ocupar um espaço privilegiado em nossas aulas, independente da série com que trabalhamos.

Sabe-se que o assunto é extremamente importante para ser trabalhado com as crianças, tanto na alfabetização intelectual como na alfabetização estética, pois valoriza a fantasia e o lúdico e a expressão dos sentimentos.

Com isto consideramos positivo o nosso trabalho e conscientes que demos a nossa parcela de contribuição que servirá para o aprimoramento da temática desenvolvida, não imaginamos de forma alguma estar esgotando a questão, nem apresentamos todos tópicos de interesse. Procuramos, antes discutir os pontos mais importantes do assunto na atualidade, aqueles que possibilitem a reflexão, a discussão, a tomada de posições por parte dos educadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVALCANTE, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: Teoria & Prática*. São Paulo: Ática, 1986.
- EVANGELISTA, Arary Martins. *Algumas reflexões sobre a relação literatura/escola*.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1994.
- YOLANDA, Regina. *O livro infantil e juvenil brasileiro: bibliografia de ilustradores*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.
- YUNES, Eliane. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e pesquisa, 1982.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. Prêmio Jabuti. São Paulo: Ática, 1994.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & história*. 4 ed. São Paulo: Atica, 1988.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Livros para crianças*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.
- Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces. Orgs. PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; e VERSIANI, Zélia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *A barca de Gleire*. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas de literatura infantil*. São Paulo: Summus, 1979.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.
- RESENDE, Maria Vânia. *Literatura infantil e juvenil: vivências de leitura e expressão criadora*. São Paulo: Saraiva, 1997.
- SALEM, Nazira. *Historia da literatura infantil*. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Tereza. *Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista*. Trad. MACHADO, Ana Maria Neto. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZILBERMAM, Regina. **A literatura infantil na escola**. Porto Alegre: Global, 1981.

ZILBERMAM, Regina, org. **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

ZILBERMAM, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1988.

ANEXOS

PROJETO: Literatura Infantil.
 ESTAGIARIAS: Elizete Ferreira Parnaíba
 Joseja Helena Gomes dos S. Pinto
 INSTITUIÇÃO: E.M.E.I.EF. Alzira Ferreira Lima Mota.

Presado professor,

Estamos mais uma vez visitando esta escola, com o objetivo de apresentar o nosso projeto, que traz a temática a Literatura Infantil. Através deste questionário pretendo, com sua ajuda, entender a prática da referida escola.

Desde já estamos gratas pela colaboração de todos que se disponibilizaram a responder as indagações abaixo.

PROFESSORA: _____
 SÉRIE: _____
 TURNO: _____
 FORMAÇÃO PEDAGÓGICA: _____

QUESTIONÁRIO

1. O que você acha de trabalhar a literatura na escola?

2. Que importância tem para você a leitura realizada na sala de aula com os alunos?

3. Você acha que os alunos lêem por prazer ou lêem por obrigação? Por que?

4. Com que frequência você trabalha a literatura em sala de aula?

- Uma vez por semana
 Três vezes por semana
 Todos os dias
 Nenhum dia

5. Os recursos que você utiliza para trabalhar a leitura com os alunos, são:

- Livros paradidáticos
 Gibis

- Contos, Fábulas
 Poesias
 Outros. Quais?

6. No desenvolvimento da leitura é levado em consideração a realidade da escola e dos alunos?

Sim Não

Justifique sua resposta.

7. Você encontra dificuldade em aplicar a leitura em sala de aula?

Sim Não

Caso sua resposta seja afirmativa, quais são essas dificuldades?

8. Você tem dificuldades em trabalhar a literatura em sala de aula?

Sim Não

Justifique sua resposta.
